

# HISTÓRIA

ANO XVIII (NOVA SÉRIE) • N.º 25 • OUTUBRO 1996 • 480\$00

## Ouro nazi em Portugal

A história do ouro  
pilhado pelos nazis  
e pago ao Governo  
de Salazar  
durante a Guerra





Piotr Aleksseievitch  
Kropotkine, aristocrata  
russo. Revolucionário e  
teórico anarquista,  
defendeu  
o intervencionismo  
das potências aliadas  
contra o militarismo alemão  
durante a I Guerra Mundial

# Os anarquistas e a guerra de 1914-18

FERNANDO FIGUEIREDO

O anarquismo, contrariamente ao que muitas vezes se pensa, possui um corpo doutrinário central de filosofia política: «Sob o nome de anarchia surgiu, ao mesmo tempo que uma interpretação nova da vida passada e presente das sociedades, uma previsão de futuro, imaginadas, uma e outra, no mesmo espírito que a concepção da natureza (...).

Apresenta-se a anarchia como uma parte integrante da filosofia nova, e é por isso que o anarquista se encontra em contacto, n'um grande número de pontos, com os maiores pensadores e poetas da época actual»<sup>(1)</sup>.

As doutrinas que constituem esse núcleo principal incorporam elementos diversos, provenientes das reflexões e formulações de vários pensadores e homens de acção. As críticas que estes desenvolvem ao presente e as propostas alternativas que formulam giram, essencialmente, à volta das noções de: estado, sociedade, indivíduo, liberdade, trabalho, propriedade, justiça... Incorporam também uma visão das normas de conduta dos homens em sociedade, da própria natureza humana e do universo que a rodeia: afectivo, cognitivo, humano, natural, histórico, cultural...

## O CORPO DOUTRINÁRIO ANARQUISTA

Caracterizado por uma liberdade extrema no tocante ao indivíduo, o anarquismo aponta, no entanto, para a solidariedade, a integração e a justiça, co-

mo áreas fundamentais de orientação e acção, no que se refere às relações sociais. Assim, a filosofia da «praxis anarquista» atribui grande importância à intervenção na sociedade e à organização dos processos tendentes à transformação social. Dois exemplos:

Da tríade central do pensamento e da acção política bakuninistas, expressos em «*Fédéralisme, Socialisme et Antitheologisme*», além do «ateísmo» em religião, faziam parte o «socialismo» em economia e a «anarquia» em política. A sua concepção socialista, «a cada um segundo o seu trabalho», conferia papel importante às associações de produtores e inspirava o sindicalismo revolucionário.

A concepção comunista kropotkiniana, «a cada um segundo as suas necessidades», dava cobertura às organizações especificamente anarquistas, conferindo-lhes uma feição mais comunitarista e espontaneísta.

Ambas as concepções apontavam para uma redistribuição da riqueza e das condições materiais da vida, no sentido igualitário (socialista); e a propriedade privada e o Estado como os principais impedimentos, logo os primeiros obstáculos a derrubar. Mas, contrastando com o voluntarismo de Bakunine e o seu sentido político (que encontraria em Malatesta um bom intérprete), Kropotkine concebia a transformação social mais como um processo de evolução-revolução do que de ruptura insurreccional, desligando-a assim de um imediato concreto. Talvez esta «nuance» ajude a perceber as análises diferentes acerca da problemática a abordar: *a guerra*.

Em França, país que viria a envolver-se directamente no conflito, eram as ideias libertárias de Kropotkine que dominavam, muito embora as posições de outros autores fossem também influentes: Elisée Réclus, Jean Grave, Sebastien Faure, Ricardo Mella, Malatesta...

Malatesta estava de acordo com os pontos essenciais da corrente liderada por Kropotkine, no plano doutrinário. Mas a sua interpretação das condições históricas não era a mesma. Enquanto Kropotkine procurava os factores de solidariedade, mais que os de conflitualidade, Malatesta, mais voluntarista (mais bakuninista), baseava-se no pressuposto do antagonismo e da conflitualidade. Daqui resultavam divergências, nomeadamente em relação à organização do «partido anarquista», ao sindicalismo, ao processo insurreccional. Se bem que o confronto destas posições tenha estado presente em momentos importantes desde o princípio do século (por exemplo, no *Congresso Libertário de Amesterdão*, de 1907), a ruptura só surgiria a propósito da Grande Guerra, como há-de ver-se.

De qualquer modo, interessará frisar desde já que, do contributo de Bakunine e Kropotkine — primeiro — e de Malatesta — depois —, resultou um corpo doutrinário. Dessa síntese de posições políticas práticas, e para o nosso propósito, destacamos:

a) O antiestatismo:

«(...) será somente pela abolição do Estado, pela conquista da liberdade inteira do indivíduo, pelo livre acordo, a associação e a federação absolutamente livres, que poderemos chegar ao comunismo — à posse *commum* da nossa herança social, e à produção em *commum* de todas as riquezas.

Esta é a questão principal n'este momento e que o socialismo tem que resolver»<sup>(2)</sup>.

O Estado era visto não apenas como opressor dos indivíduos, mas também das comunidades e até da Nação. A sua rejeição, por este facto, estendia-se, logicamente, a todas as formas habituais de regime político, como a todas as instituições que as representavam ou sustentavam. O exército permanente, por exemplo, era considerado como factor de defesa essencial para a classe dominante, por um lado, e como uma ameaça ao bom entendimento e convivência entre os povos, por outro.

b) A recusa e crítica do capitalismo:

«(...). Queremos que o solo e todos os instrumentos de produção e de troca, assim como toda a riqueza acumulada pelo trabalho de gerações passadas, se tornem, pela expropriação dos de-





Errico Malatesta, anarquista italiano. Homem de ação e dirigente de jornais em vários países. Participante na fundação da Internacional Libertária (Londres 1881) e nos congressos de Londres (1896) e Amesterdão (1907). No primeiro conflito mundial permaneceu um dos mais intransigentes defensores do antiguerrismo anarquista

tentores actuais, propriedade comum de todos os homens (...).

Queremos substituir a concorrência e a luta entre os homens pela fraternidade e a solidariedade no trabalho para a felicidade de todos.

(...). É do interesse de todos os inimigos da sociedade capitalista que os operários sejam unidos e solidários na luta contra o capitalismo. (...) o Estado (...) é o defensor armado do capitalismo. (...)»<sup>(3)</sup>.

Esta posição assentava no pressuposto de que o capitalismo é um sistema que implica necessariamente relações sociais de domínio e de exploração económica, com a consequente concentração de riqueza e aumento de miséria e de conflitos sociais. Mas a rejeição do modelo não implicava a colectivização. Também aqui a autonomia, a solidariedade, o contrato e a organização federativa deveriam orientar a economia para um modelo de tipo solidário e equitativo, nos campos nacional e internacional.

Do desenvolvimento de outros pontos doutrinários acima apontados não nos ocuparemos neste momento. Há, no entanto, que reconhecer que são igualmente importantes, quando considerados noutros contextos, constituindo, também eles, parte integrante do tal corpo doutrinário central a que nos referimos.

Depois destas considerações de carácter mais geral, que visam enquadrar o estudo do que mais direc-

tamente nos interessa, vamos abordar a concepção libertária antimilitarista que se prende já de perto com o nosso principal propósito.

## OS IDEAIS LIBERTÁRIOS E O ANTIMILITARISMO DE BASE

**N**os ideais libertários, incluíam-se o respeito pelo indivíduo e pela sua integridade física e moral, pelas comunidades de base geográfica e cultural, bem como pela sociedade civil e pelas nações. De tal consciencialização decorria a necessidade de formação do sujeito como entidade específica, assim como a procura de um bom entendimento entre povos e comunidades nacionais.

Avessos ao princípio de governo, por não reconhecerem autoridade a ninguém para elaborar leis gerais e obrigatórias, que a todos se imponham, propunham, em consequência, a abolição das estruturas governativas e a destruição dos Estados. O desígnio era a socialização do poder político. Na sua concepção, a soberania residia sempre no escalão mais baixo, pelo que a mesma deveria exercer-se de forma descentralizada e consensual, e não coerciva. Com idêntica actuação sobre a propriedade, assinala-se, conseguir-se-ia uma mais justa distribuição do poder e dos meios mais necessários à vida.

Deste ponto de vista sumariamente expresso, toda a forma de poder que não resultasse de tais pressupostos era de base ilegal; e as forças militares, policiais e afins apresentavam-se como órgãos de defesa da (i)legalidade constituída, logo intimidatórios e coercivos, na ordem interna e externa. Daqui o antimilitarismo de base no pensamento anarquista.

Em 1904 era fundada a *Associação Internacional Antimilitarista (AIA)*, pelo libertário-pacifista holandês Domela Nieuwenhuis, com sede na Holanda. Valerá a pena adiantar que, no acto da fundação daquela associação, se declarava que «a guerra é um ataque contra tudo o que é humano; que o capitalismo, o militarismo e a guerra são factos internacionais, comportando perigos internacionais, e que só podem ser combatidos internacionalmente através duma luta pela paz real e por uma verdadeira liberdade»<sup>(4)</sup>.

Convirá recordar que, nos princípios da *Carta de Amiens* (1906), em cujos pressupostos teóricos se baseava o sindicalismo revolucionário, se incluía o antimilitarismo.

O antimilitarismo acabaria por ser testado no espaço territorial em que se desencadeava a guerra europeia. E com que resultados! João

Freire expressa-os deste modo: «O optimismo revolucionário que constantemente admitia, para a madrugada seguinte, o início, doloroso mas redentor, da revolução social, desfez-se naqueles primeiros dias de Agosto de 1914 quando a tão propalada ‘greve geral revolucionária’, ‘recusa da mobilização’ ou ‘fraternização dos combatentes’ se transformou em ‘patriotismo’ e ‘espírito de revanche’»<sup>(5)</sup>.

Era o desfazamento entre a visão internacionalista das doutrinas libertárias e o comportamento dos soldados/trabalhadores, ainda fortemente marcado pelo patriotismo.

## A GUERRA DIVIDIU OS ANARQUISTAS: KROPOTKINE APOIAVA A DEFESA DA FRANÇA PERANTE O MILITARISMO ALEMÃO...

**P**iotr Kropotkine (1842-1921), intelectual russo exilado no Ocidente, era uma grande figura do anarquismo internacional. Teve um papel decisivo como teorizador e divulgador das doutrinas libertárias. Contribuindo para imprimir ao movimento um carácter científico, foi também uma testemunha da evolução do movimento operário e do anarquismo, pois assistiu à convulsão em que o primeiro desembocou: a guerra; e à autonomização do segundo, no pós-guerra.

João Freire, noutro dos seus estudos, fala de uma dimensão «mítica» em Kropotkine, decorrente das circunstâncias excepcionais que rodeiam a trajectória da sua vida. A avançada idade e o estatuto de «patriarca» de que gozava teriam assim atenuado o desgaste inevitável perante a grande hesitação e a posterior crise que a atitude de se colocar ao lado de um dos contendores no grande conflito europeu, iniciado em 1914, provocou no movimento libertário. O mesmo autor lembra também a dimensão de «renegado» que, para alguns, a partir de então, adquirira<sup>(6)</sup>.

Em Carta de 4/11/1905, publicada em *Les Temps Nouveaux* (Doc. 1), Kropotkine preconizava já a defesa da França contra o militarismo alemão como a melhor maneira de servir a Revolução, à semelhança do que acontecera em outros momentos da História, nos quais aquele país, como nação mais avançada no domínio social, tivera importante papel. Tratava-se, assim, de uma actuação por antecipação, no sentido de evitar um recuo que a vitória alemã, a seu ver, inevitavelmente acarretaria à almejada transformação social. Este posicionamento seria reafirmado em 1911-12, quando vários indícios pre-

# A SEMEITEIRA

PUBLICAÇÃO MENSAL ILUSTRADA — CRÍTICA E SOCIOLOGIA

Editor — *Jamael Fimentes*

Proprietário e diretor — *Alfaro Marques*

Redacção, administração e tipografia, RUA DA BARROCA, 54, 2.ª — IMPRESSA NA RUA DO DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 147 a 151

(Impressão de la loi sur la presse de 1901)

Toda a correspondência deve ser dirigida para a Administração

PREÇO 20 RÉIS

*Libéria-Portugal*

## ERRICO MALATESTA

Quando, ha um ano, a propósito de uma grave doença de Malatesta, quisemos publicar aqui uma noticia biográfica e o retrato do nosso querido camarada, pouco e mal conhecido entre nós, recorremos a vários amigos do estrangeiro. E foi de um deles que um companheiro nosso recebeu a seguinte carta:

Bolonha, 10 de junho de 1911.

Caro camarada,

Lamento não poder satisfazer o teu desejo. Amo Malatesta como a um pai, e admiro-o como um dos homens que mais honram os nossos tempos e o nosso movimento; mas não tenho a sua fotografia nem posso dadas biográficas sobre ele. Sei que é natural de Santa Maria Capua Vetere (Nápoles), que hoje deve ter cerca de 40 anos, que foi um dos discípulos predilectos de Bacunine, que a ele se deve em grande parte a diffusão das nossas ideias na Italia, na Espanha e na Republica Argentina, que tomou parte nos movimentos insurreccionais italianos das Apúlias em 1874 e do Molise em 1877, que esteve na prisão e no «domicilio coatto» uma infinidade de vezes, em suma o que sabem todos os nossos camaradas que mesmo superficialmente conheçam a historia do nosso movimento. Mas não sei muito mais.

É difficil escrever uma biografia de Malatesta, porque a sua modestia superlativa nunca lhe permitiu escrever ou dizer muito sobre o que pessoalmente lhe diz respeito. Tenho por ele a admiração desconsolada que se pode ter por um heroi e por um engenheiro, que se revelou só a poucos intimos, e cujo valor real o mundo ignorará sempre. Teria podido enriquecer a nossa litteratura de obras geniais, dar das nossas ideias uma interpretação mesmo superior á que lhes foi dada pelos melhores dos nossos; mas preferiu sempre a acção á teoria, e, como Bacunine, pela acção descurou a elaboração para o publico das nossas ideias. Basta falar um dia com ele para perceber que tesouro de ideias originaes e belas lhe enriquece a mente.



ERRICO MALATESTA

Se Pedro Gori foi o poeta e o porta-bandeira da nossa ideia em Italia, Errico Malatesta é o seu pensador e agitador ao mesmo tempo. Exerce uma enorme influencia sobre quem o avizinha, não só intelectual mas ainda moral, porque ha nele tambem um tesouro de bondade, dessa bondade superior que pudemos encontrar nos nossos Euseu Reclus e Luisa Michel.

Não sei dizer-te mais: a noticia ultima da sua doença aterrou-me, e espero que vencerá as insidias da morte e viverá. Se morresse, sinto que morreria uma grande parte de nós e se extinguiria o eco da mais alta consciencia anárquica na Italia. Oxalá que viva e que as necessidades da vida lhe permitam dar ainda á nossa ideia alguma coisa da sua alma e da sua intelligencia! É o melhor auspicio que tu possa fazer a nós mesmos e á sorte do nosso movimento.

Crê-me fraternalmente teu camarada. — *Luis Fabbri*.

Esta carta é significativa, vindo de um dos melhores amigos e discípulos de Malatesta. Agora que chego de novo a occasião de falar desta alta e nobre figura do anarquismo, vitima duma clamorosa injustiça da «justiça» inglesa e da abjecta policia secreta internacional, fomos um pouco mais felizes, pois pudemos obter da amabilidade de *Lu Bataille Syndicaliste* um retrato que julgamos ser da juventude do nosso biografado.

Quanto aos dados biográficos, pouco podemos ajuntar á carta de Fabbri, e esse pouco sujeito a caução o tirado em grande parte dum livro que combate o anarquismo, mas cujo autor, Pedro Latouche, presta calorosa homenagem ao valor moral e intelectual do nosso camarada.

Errico Malatesta nasceu em 1853; tem portanto 59 anos. Estudante de medicina, aos 18 anos já combatia nas fileiras da grande Internacional, deixando logo a sua carreira e a sua situação de filho de familia rica para se aproximar do povo, viver a vida dele, trabalhando como mecânico.

Teve então uma larga e movimentada vida de propaganda e acção, entrando em insurreições. Em 1884 estava no exilio, para escapar a uma longa pena de prisão a que fora condemnado, quando estalou uma grande epidemia de cólera em Nápoles. Não hesitou: correu a prestar o seu

nunciavam o que viria de facto a acontecer na Europa, em 1914.

Terá interesse observar a posição de principio de Kropotkine perante o fenómeno da guerra. Em «*Os Bastidores das Guerras*», pode ler-se:

«(...) a guerra moderna não é só a carnificina, a loucura do homicídio, o regresso, durante o morticínio, à selvajaria. É também, numa escala colossal, a destruição do trabalho humano; e os efeitos desta destruição sentimo-los entre nós continuamente, em tempo de paz, por um aumento de miséria para os pobres e pelo enriquecimento paralelo dos ricos» (7).

A consciencia do carácter destruidor da guerra moderna e dos aspectos terríveis que a acompanham, levava, naturalmente, à sua condenação.

Outra coisa seria, porém, a interpretação kropotkiniana das condições históricas em que a próxima ia ainda ocorrer.

A guerra de 1914-18 apresentava-se ao movimento libertário em geral como um dado exterior, não de todo previsto e muito menos passível de por ele ser controlado. Nos campos de batalha, desfez-se logo o sonho de «fraternização revolucionária» entre proletários franceses e alemães.

Identificando o expansionismo alemão como o «pior dos males», a attitude de Kropotkine resultava de uma opção pelo «mal menor», ao colocar-se racionalmente ao lado da França invadida. Esta posição não era assim entendida pelo grosso do movimento. Incompreensível para a

grande maioria, no imediato, viria depois a ser seguida por outros libertários de prestígio, enquanto que para muitos ficaria sempre como um «desvio» dos princípios anarquistas e, como tal, condenável.

A primeira grande tomada de posição de Kropotkine sobre a Grande Guerra e já depois da deflagração do conflito, na Carta a Gustavo Steffen, onde pode ler-se:

«Quereis saber a minha opinião sobre a guerra? Ei-la, breve e clara. Na hora actual todo o homem que pode e quer fazer alguma coisa útil para salvar a civilização europeia, para continuar a luta a favor da Internacional Operária, só deve fazer isto: auxiliar a esmagar o inimigo das nossas aspirações mais queridas: o militarismo alemão e o imperialismo prussiano»<sup>(8)</sup>.

Este alinhamento claro ao lado da França e dos Aliados contra a Alemanha kaiseriana, logo nos primeiros meses de guerra, viria a ser reforçado em Fevereiro de 1916 com a assinatura da «Declaração dos Dezasseis» por outros «notáveis» anarquistas. Eram figuras de primeiro plano do movimento libertário internacional que, sob o forte pretexto de que a agressão alemã não era «contra as nossas esperanças de emancipação, mas contra toda a evolução humana», se pronunciavam contra a aceitação das propostas de paz alemã por considerarem que nessa altura elas favoreciam claramente aquele país. Pelo contrário, incitavam à resistência à política pan-germanista que impedia a paz.

Kropotkine e a maior parte dos signatários deste documento, uma vez terminada a guerra, continuaram a defender as doutrinas anarquistas. Em Portugal, esta posição tinha os seus seguidores, com inevitáveis repercussões nos movimentos operário e anarquista e nos trajectos pessoais futuros de alguns deles.

### ...MALATESTA LIDERAVA O GRUPO ANTIGUERRA

**E**rrico Malatesta (1853-1932), italiano, um histórico do movimento anarquista, revelou grandes capacidades como teórico nos seus escritos, nomeadamente na última fase da sua vida. Já no seu livro «A Anarquia», o conceito que lhe corresponde vinha assim definido:

«Do livre concurso de todos, mediante a associação espontânea dos homens, segundo as suas simpatias e necessidades, de baixo para cima, do simples para o composto, partindo dos interesses imediatos para chegar aos mais afastados e ge-

rais, surgiria uma organização social que teria por fim o maior bem-estar e a maior liberdade de todos, ligaria toda a humanidade por laços fraternais, e se modificaria e melhoraria segundo se modificassem as circunstâncias e consoante as lições da experiência.

Esta sociedade de homens livres, esta sociedade de amigos, é a *Anarquia*»<sup>(9)</sup>.

No entanto, Malatesta, ao desempenhar um papel bakuninista e assumir uma posição insurreccionalista, ficaria mais conhecido como um agitador e propagandista e muito menos como um teórico. Vivendo praticamente nas mesmas condições históricas que Kropotkine, fazia delas uma interpretação diferente, como já assinalámos.

A ruptura de Malatesta com o pensador russo consumava-se com a guerra. Ao passo que o velho patriarca adoptava uma atitude maleável relativamente ao conflito, acabando por arrastar consigo alguns dos mais importantes intelectuais do pensamento anarquista, como já referimos, o grande anarquista italiano mantinha-se intransigente na defesa dos princípios antibelicistas do libertarismo, várias vezes reafirmando o antimilitarismo anarquista ancestral e o conseqüente não intervencionismo, como a atitude mais conseqüente a tomar pelos que continuavam a identificar-se com as doutrinas anarquistas. Chegaria mesmo a considerar que intervir no conflito ao lado de uma das partes era trair os princípios do movimento libertário.

Iniciado o conflito e perante a posição assumida por Kropotkine, Malatesta encabeçava um movimento em sentido contrário, que culminou na redacção de um *Manifesto*, publicado em 15 de Fevereiro de 1915, assinado também por Alexandre Schapiro, Alexandre Kerkman, Emma Goldman e Domela Nieuwenhuis, de entre outros, num total de 35 assinaturas. Neste importante documento, que definia a posição dos libertários antiguerristas europeus, dizia-se:

«(...) A guerra era inevitável. De onde quer que ela viesse, deveria rebentar.

(...) Nenhum dos beligerantes tem o direito de se reclamar da civilização, como nenhum tem o direito de se declarar em estado de legítima defesa.

(...) Nós somos resolutamente contra toda a guerra entre os povos (...).»

E prosseguia:

«Devemos aproveitar-nos de todos os movimentos de revolta, de todos os descontentamentos, para fomentar a insurreição, para organizar a revolução da qual nós esperamos o fim de todas as iniquidades sociais.

Nada de desencorajamento, mesmo perante uma calamidade como a guerra actual!

(...))»<sup>(10)</sup>.

A guerra era aqui enquadrada num amplo contexto, parametrizado por realidades políticas, económicas e sociais, que, na conjuntura vivida, a tornavam inevitável. Do mesmo modo se concluía pela repartição das responsabilidades no desencadear da catástrofe e pela falta de sentido em distinguir ofensores e ofendidos. O pretexto de que de um lado estava a civilização e do outro a barbárie era também desmontado, com a alegação do comportamento dos países aliados para com os povos por si colonizados. Por último, vinha a posição de princípio contra todas as guerras e o reafirmar da confiança na revolução e na esperança que a Anarquia comportava. Ao longo do desenrolar do conflito, esta linha manter-se-ia, no essencial, apesar do esforço dos «intervencionistas», em 1916, para ampliar o seu apoio no seio do movimento.

Estavam assim criadas duas orientações totalmente opostas no seio do movimento libertário internacional desde os primeiros meses da guerra, que iriam produzir uma cisão grave e irreversível no movimento anarquista europeu. No nosso país, esta divisão tinha também as suas repercussões, igualmente com efeitos profundos e com consequências no movimento operário (ver artigo seguinte).

## CONCLUSÃO

**D**o estudo efectuado, entendemos dever destacar os seguintes aspectos: O anarquismo, embora constituído por várias doutrinas de origem plural, apresentava-se, todavia, definido por um corpo doutrinário central. Não tendo o carácter sistemático de outros corpos doutrinários e dando a imagem de um «complexo em movimento», não perdia nunca certas características de identificação. De entre elas, a hostilidade ao sistema vigente e a construção de uma sociedade mais solidária e mais justa explicam termos privilegiado o «antiestatismo» e a «recusa e crítica do capitalismo» como princípios definidores de um amplo quadro, no qual devia ser observado o assunto que escolhemos. Logo aí encontramos uma orientação diferente quanto à maneira de operar a almejada transformação social: mais gradualista, em Kropotkine; mais voluntarista, em Malatesta.

O antimilitarismo de base no pensamento anarquista decorria, naturalmente, diríamos, das concepções antiestatista e anticapitalista, essencial-

mente; mas também da atenção dispensada à autonomia individual e dos povos. Consideradas as forças militares e afins como o maior garante da sociedade burguesa e capitalista, no plano interno e externo, o militarismo era visto como uma ameaça latente e às vezes real à salvaguarda daqueles princípios.

O anarquismo, a partir do princípio do nosso século, nos países latinos onde frutificou, projectava-se fortemente no movimento operário. Era um anarquismo-comunista de tipo kropotkiniano e não violento, que só mais tarde adquiriria uma feição mais insurreccionista, de tipo malatestiano. Antes mesmo do deflagrar da I Guerra Mundial, marcava posições e desenvolvia acções em conformidade com os princípios defendidos, embora sempre condicionado pela conjuntura política vivida em cada país.

Kropotkine e Malatesta foram as duas personalidades que mais influenciavam o movimento libertário nesta altura. Concordando nos princípios, divergiam na análise das condições históricas. A guerra vinha consumir uma separação que tinha origem próxima na apologia do intervencionismo dos revolucionários numa guerra defensiva (de valores e conquistas importantes para a revolução), por Kropotkine; e na defesa intransigente do antibelicismo, pela rejeição da especificidade das situações em que as guerras ocorrem (sempre um recuo para a civilização, nomeadamente esta), por Malatesta. Tal antagonismo dividia os anarquistas europeus e tinha também os seus reflexos em Portugal, como em outro artigo procuraremos demonstrar.

\* *Mestre em História do Séc. XX/FCSH/U. Nova de Lisboa. Também autor do artigo seguinte.*

## NOTAS

- (1) P. Kropotkine, *A Anarchia*, pp. 18-19.
- (2) *Idem*, p. 37.
- (3) E. Malatesta e A. Amon, «Extracto do Manifesto dos anarquistas presentes no Congresso de Londres de 1896», in Daniel Guérin, *Ni Dieu, ni Maître*, Anthologie de l'Anarchisme, III, pp. 28-29.
- (4) *Apud* João Freire, *Ideologia, Ofício e Práticas Sociais: O Anarquismo e o Operariado em Portugal (1900-1940)*, II vol., p. 146.
- (5) João Freire, *Idem*, p. 167.
- (6) Cf. João Freire, «Caducidade e Modernidade, de Kropotkine: Entre Reforma e Utopia», *A Ideia*, 20-21, 1981, pp. 29-30.
- (7) P. Kropotkine, *Os Bastidores das Guerras*, p. 16.
- (8) Publicada em *O Semeador* (Portalegre), n.º 12, de 22/11/1914.
- (9) E. Malatesta, *A Anarquia*, pp. 30-31.
- (10) «Manifesto de 15 de Fevereiro de 1915», in Daniel Guérin, op. cit., pp. 48-51.